

# O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA REGULAR

*(THE LITERACY PROCESS OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN REGULAR SCHOOL)*

Margarete Ferreira Almeida<sup>1</sup>

Maura Rodrigues Oliveira<sup>2</sup>

Nadilene Ferreira de Sales<sup>3</sup>

Prof. Esp. Lucíola Caminha Pequeno (orientadora)<sup>4</sup>

## RESUMO

Este artigo aborda a questão dos aspectos necessários para que se possa alfabetizar a criança autista na classe comum do ensino regular. O objetivo principal foi compreender como acontece o processo de alfabetização da criança autista na classe comum do ensino regular. Como metodologia, utilizou-se uma abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica e de campo, além disso recorreu-se a ferramentas típicas do estudo de caso. O lócus escolhido foi uma escola Municipal da cidade de Eusébio – CE. Como instrumento de coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada com duas professoras regentes do 1º ano A e B da escola. As reflexões e os dados obtidos acerca do tema levaram à conclusão de que o processo de alfabetização da criança autista requer bastante conhecimento para lidar com as diversas situações e requer toda dedicação e esforço do professor, a fim de serem promovidas estratégias de ensino que facilitem a compreensão do processo de alfabetização por parte do aluno autista.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Autismo. Estratégias. Educação inclusiva.

## ABSTRACT

This article addresses the issue of the necessary aspects so that the autistic child can be literate in the regular class of regular education. The main objective was to understand how the literacy process of the autistic child happens in the regular classroom. As a methodology, a qualitative approach was used, with bibliographic and field research, in addition to using typical case study tools. The locus chosen was a municipal school in the city of Eusébio. As a data collection instrument, a semi-structured interview was carried out with two regent teachers of the 1st year A and B of the school. The reflections and data obtained on the subject led to the conclusion that the autistic child's literacy process requires a lot of knowledge to deal with different situations and requires all dedication and effort from the teacher., in order to promote teaching strategies that facilitate the understanding of the literacy process by the autistic student.

**Keyword:** Literacy. Autism. Strategies. Inclusive education.

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu (UniAteneu). E-mail: margaretteta@gmail.com

<sup>2</sup> Discente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu (UniAteneu). E-mail: maura\_mro@gmail.com

<sup>3</sup> Discente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu (UniAteneu). E-mail: nadileneferreira33@gmail.com

<sup>4</sup> Professora orientadora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu (UniAteneu) E-mail: luciola.pequeno@professor.uniateneu.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente a inclusão de crianças com Transtornos do Espectro Autista (TEA) na escola regular ainda tem sido um desafio, e muitas escolas ainda não estão preparadas para receber esses alunos. Diante disso, fazem-se necessárias adequações, tanto em termos de estruturas e recursos, quanto de formação continuada dos profissionais, de modo a possibilitar a adoção de estratégias que favoreçam o desenvolvimento e a aprendizagem daquelas crianças, em especial durante a etapa de alfabetização.

Desse modo, o presente artigo aborda o processo de alfabetização da criança com transtorno do espectro autista na escola regular. A escolha do tema surgiu durante as disciplinas de Pesquisa e Práticas Pedagógicas, as quais nos possibilitou ter contato com crianças com TEA, em uma visita a uma escola Municipal de Fortaleza. Percebemos, então, a dificuldade dos professores para elaborar atividades adaptadas e desenvolver estratégias para facilitar a compreensão do conteúdo para esses alunos. Além disso, futuramente pretendemos atuar na área de educação inclusiva. Portanto, esta pesquisa é relevante, pois visa contribuir no processo de formação do pedagogo, possibilitando a compreensão de estratégias a serem utilizadas nesta tarefa que exige bastante dedicação, com a percepção de que todas as formas de educação são importantes.

Diante do exposto, surgiu o seguinte questionamento: quais estratégias de ensino são utilizadas pelo professor para facilitar o processo de alfabetização da criança com autismo? Dessa forma, temos como objetivo: compreender como acontece o processo de alfabetização da criança com autismo na classe comum do ensino regular, identificando as estratégias utilizadas pelo professor no processo de alfabetização da criança com autismo.

Ora, sabe-se que o papel do pedagogo vai além de somente conduzir metodologias, ele busca mediar e criar estratégias para que os conteúdos possam ser compreendidos, uma vez que, como ser social, ele participa e contribui para a formação de muitos indivíduos. Sua atuação é de grande relevância para a construção do conhecimento em relação ao processo de alfabetização da criança com autismo, tendo um papel importante nesse processo.

Para que se tenha êxito no processo de alfabetização, é preciso que a relação família e escola seja eficiente, pois muitas mães encontram dificuldades na educação de seus filhos e ainda existem mães de criança com autismo que, por achar que a criança não teria capacidade de aprender ou que iria para a escola em vão, preferem deixá-los em casa. No entanto, esses tipos de pensamentos e conclusões prejudicam mais ainda a evolução da criança com autismo no processo de aprendizagem, por isso o esforço, o empenho e a dedicação do professor nesse

processo de alfabetização são de extrema importância, porque, se a mãe de uma criança com autismo ver que seu filho(a) está evoluindo, ou seja, está aprendendo, com certeza ela irá trazê-lo(a) à escola com mais frequência.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Concepções sobre o Transtorno do Espectro Autista e suas características**

O autismo é um assunto que vem sendo estudado há décadas que, conforme o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mental (DSM-5, 2014, p.31),

caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbal de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos.

Desse modo, entende-se que a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem certa dificuldade de se relacionar com o outro e isso pode representar um atraso no seu desenvolvimento, dificultando o desenvolvimento da fala, da linguagem e da aprendizagem. Caracteriza-se também por falta de aceitação afetiva, falta de contato visual, dificuldade de compreender o que se passa na vida social, podendo haver falta de interesse em manter um diálogo. Segundo (ZIRALDO, 2013, p. 7-13)

Para saber se um aluno apresenta autismo, deve-se observar os seguintes sinais: o aluno evita contato visual, o desenvolvimento da linguagem parece ser diferente, o aluno não responde quando é chamado, parece surdo, fica fazendo movimentos repetitivos sem motivo aparente, costuma mexer com os dedos e as mãos de forma peculiar, costuma emitir sons e palavras repetidas, fora do assunto, isola-se dos colegas sem motivos, comunica-se melhor quando fala de tema do seu interesse, reage excessivamente a barulhos altos ou a contato físico, tem pouca noção de situações perigosa, segue rotinas próprias muito rígida e incomoda-se quando foge da rotina, etc. Se algum aluno apresenta algum desses comportamentos, pode ser que esse aluno seja autista.

Com isso, percebemos o quanto é necessário que a criança com autismo seja estimulada e incluída no meio social, pois, se deixar que permaneça sozinha, ela vai se isolando cada vez mais. A inclusão começa em casa, depois segue para a escola e a sociedade como um todo, não cabendo espaço para o preconceito e apelidos inapropriados, como existiam antigamente. Cunha (2019, p.24) aponta ainda que “o autismo pode surgir nos primeiros meses de vida, mas em geral, os sintomas tornam-se aparentes por volta da idade de três anos”. Cabe aqui, se a

criança já está na fase escolar, a visão atenta do professor e da escola, pois, segundo Gaiato (2019, p. 21), “Os sintomas também variam e, por isso, não são encontradas correlação entre grandes amostras nas pesquisas”. Diante disso, entende-se que o grau e a gravidade variam muito, ou seja, nem toda criança com autismo apresenta os mesmos sintomas. Entretanto, faz-se necessário o trabalho em conjunto (família, escola e profissionais especializados) para que seja feita uma avaliação da criança, podendo-se, assim, identificar o nível de gravidade do autismo dela.

De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), existem três níveis de gravidade para o TEA:

Nível 1, exigindo apoio; nível 2, exigindo apoio substancial; e nível 3, exigindo apoio muito substancial. No nível 1, o indivíduo apresenta, na ausência de apoio, déficits na comunicação social que causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a abertura sociais dos outros; no nível 2, apresenta déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitado em dar início a interações sociais e respostas reduzidas ou anormais a aberturas sociais que partem e outros; no nível 3, apresenta déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, os quais causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e respostas mínima a aberturas sociais que partem de outros. (DSM-5, 2014, p. 52)

Desse modo, ao analisar o manual DSM-5, percebe-se que ele foi elaborado com o intuito de facilitar um diagnóstico, permitindo identificar o nível de gravidade dos sintomas, ou seja, as pessoas que se enquadram no nível 1 apresentam sintomas leve do TEA, podendo ter dificuldades em situações sociais, mas necessitam de pouco suporte para ajudá-las em suas atividades. As pessoas do nível 2 precisam de um pouco mais de suporte. Geralmente, são as pessoas com mais dificuldade na interação social do que as do nível 1. No nível 3, também conhecido como autismo severo, enquadram-se as pessoas que precisam de maior suporte, é o nível mais grave do transtorno. Elas apresentam dificuldades significativas nas habilidades sociais e comunicação e a maioria são pessoas não-verbais.

Existem, ainda, pesquisas que apontam possíveis causas para o autismo, tais como: “idades materna e paterna avançadas; infecções pelas quais a mãe passa durante gravidez, causando forte reação imunológica do organismo; micro bioma da mãe; diabetes gestacional; sangramento materno; gestação de múltiplos[...], dentre outros” (GAIATO, 2018. p.62). Vale destacar também que “não há, ainda, exames médicos, laboratoriais ou de imagem que possam

ser utilizados para confirmar uma hipótese diagnóstica de TEA. (VALE; MONTEIRO; LIRA, 2018, p. 23). Ou seja, apesar das pesquisas, ainda não há de modo assertivo o que causa.

Sendo assim, percebe-se a importância e a seriedade de diagnosticar uma criança, que irá necessitar não apenas do olhar inclusivo das pessoas, mas também do acompanhamento de diversos profissionais, os quais deverão ajudar no desenvolvimento e no tratamento dessa criança.

### **2.1.1 Estrutura e formação de profissionais adequados para os acolhimentos de alunos com TEA**

O acolhimento de crianças com necessidades educacionais específicas, especificamente nos casos de autismo na escola regular, ainda tem sido um trabalho desafiador, pois sabemos que nem todas as escolas possuem estruturas e manejos pedagógicos necessários e suficientes para atender essas crianças. Contudo, diante das dificuldades encontradas, as escolas jamais devem deixar de cumprir seu papel como formadora de cidadãos. No entanto, o ambiente escolar precisa ser um espaço atraente e acolhedor, pois a escola é o lugar apropriado para estimular e desenvolver o processo de aprendizagem tanto das crianças com ausência de deficiência, quanto das que possuem deficiência.

Conforme Beyer (2013, p. 66), “para que o atendimento escolar de alunos com deficiência seja possível no ensino regular, deve haver a tomada de consciência e a disposição de participação no processo por parte dos vários sujeitos envolvidos” (pais, crianças, professores, gestores etc.). Para o ensino de alunos com autismo na escola regular, entende-se que a formação dos profissionais, especificamente de professores, precisa de investimentos em cursos de formação continuada na área da inclusão, a fim de que esses possam obter mais conhecimentos e assim elaborar planos e aulas com estratégias que facilitem o processo de ensino das crianças com autismo. Afinal, existem algumas crianças com níveis leve de autismo que precisam somente de ajuda temporária ou pouco suporte. Já outras, com níveis mais avançados, necessitam de ajuda mais específica, portanto é preciso que o educador entenda e compreenda a importância de seu papel nesse processo que exige bastante esforço e dedicação.

Segundo Beyer (2013, p. 31),

Há condições importantes para uma educação inclusiva, não é econômica, ou seja, ela requer algum investimento financeiro: uma sala de aula inclusiva necessita, no mínimo, dois educadores (um deles com algumas horas

semanais). Caso essa classe seja atendida apenas por um professor, ele conseguirá realizar a individualização do ensino com dificuldade.

É preciso, então, que a escola ofereça uma estrutura física adequada e profissionais capacitados, que compreendam o seu papel e o exerça com segurança e determinação, envolvendo as crianças que estão sobre seus “cuidados”, propiciando, além de estratégias adequadas, um ambiente acolhedor e receptivo. Afinal, quando nos envolvermos em algo que gostamos, parece que tudo que vem como obstáculos não nos importuna, pois, quando direcionamos nossa dedicação e afeto para temas que nos fascinam, não medimos esforços e força até conhecermos caminhos que nos levam a respostas.

Segundo Brites & Brites,

A escola deve buscar materiais variados para embasar as práticas pedagógicas, uma vez que pode receber em seu grupo de alunos os mais diversos tipos de pessoas com autismo, deve, inclusive, estar preparadas para o eventual uso de tecnologia digital para determinadas aprendizagens nos autistas que precisam de recursos para alavancar a memorização e a motivação. (BRITES, L; BRITES, C., 2019, p. 41)

Tudo isso é importante para a aprendizagem das crianças, em especial para o período de alfabetização, quando muitos pais ficam apreensivos para que seus filhos possam ler e escrever. A escola, então, também deve proporcionar recursos para que os professores possam desenvolver estratégias em sua prática.

## **2.2 Concepções de Alfabetização e Letramento**

Os conceitos de alfabetização e letramento já vêm sendo abordados há muitos anos por diversos pesquisadores e por aquelas pessoas que se interessam em entender as diversas maneiras de se alfabetizar uma criança, contribuindo assim para o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, para que aconteça de fato uma melhoria no desenvolvimento educacional, é necessário que as escolas estejam comprometidas em preparar cidadãos, mostrando aos alunos o melhor caminho para o conhecimento e não somente ensinando um conteúdo.

Segundo Duarte; Kummer (2020, p. 22), “a alfabetização em sua principal definição é o processo de aquisição da leitura e escrita através do sistema alfabético e ortográfico. Já o letramento é as competências que o indivíduo deve possuir para construção do entendimento de leitura e escrita”. Desse modo, entende-se que a alfabetização diz respeito ao aprendizado

do alfabeto, gerando assim, códigos de comunicação, enquanto no letramento o indivíduo já se encontra numa fase mais avançada, sendo capaz de fazer leitura e interpretação de textos. Vale ressaltar que, quando uma criança inicia seu ingresso na escola, ela já traz consigo alguns conhecimentos que adquiriu no meio em que vive. Portanto, compreende-se que os professores e a comunidade escolar devem se aprofundar no assunto para entender como acontece o processo de alfabetização, e assim obter resultados significativos para seus alunos.

Segundo Ferreiro (2017), tradicionalmente alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de “maturidade” ou de “prontidão” da criança. Além disso, considera-se que há dois polos do processo de aprendizagem (quem ensina e quem aprende). Diante disso, compreende-se que o processo de alfabetização depende bastante da utilização dos métodos e da forma como esse é aplicado e se a criança facilita ou dá condições para que esses métodos venham a ser colocados em prática, pois consideramos que, para ter êxito nesse processo, é preciso haver o envolvimento de ambas as partes, professor e aluno.

Atualmente, percebemos que os avanços tecnológicos e seu uso no ambiente escolar têm auxiliado e ajudado bastante o professor no processo de aprendizagem. Como vivemos em um mundo de tecnologias, onde a tendência é cada vez mais aumentar, faz-se necessário que o educador se dedique a se atualizar, juntamente com os meios que podem lhe favorecer e auxiliar no seu papel como alfabetizador, pois, se voltarmos há alguns anos, iremos perceber que tudo mudou, até os comportamentos das crianças não são mais os mesmos, ou seja, alfabetizar uma criança ou adulto não é um processo simples, porque isso inclui muitos fatores internos e externos.

Enfim, entende-se que, para haver uma boa qualidade de ensino no processo de alfabetização, além de técnicas adequadas, é preciso o engajamento e a participação de todos, (família, escola e, especificamente, o professor), que fará toda a diferença na vida da criança. Este, por sua vez, deve criar estratégias de ensino focalizando suas aulas no aluno. Desse modo, vale ressaltar que existem algumas estratégias que facilitam o processo de aprendizagem, como por exemplo: fazer leitura de livros com temas que interessam às crianças e fazer com que elas participem da leitura com o intuito de criar o hábito de ler nos pequenos, tornar o ambiente da sala agradável e atraente, criar um vínculo afetivo a fim de que a criança sinta confiança em conversar com o professor, etc. Fazendo isso, poderá haver mais êxito no que se deseja alcançar e nunca se deve esquecer de que cada criança tem seu tempo e jeito de aprender, portanto devemos respeitar o limite de cada um.

Em relação à presença e ao ensino de alunos com necessidades educacionais específicas na escola regular, isso traz um desafio a mais para a escola e para os profissionais da educação, que em muitos casos não estão preparados para essa demanda. Entretanto, entre as barreiras para uma inclusão mais efetiva, está a formação dos professores que atuam com os alunos com TEA. A falta de conhecimento e de informação dificulta a compreensão em relação aos diversos tipos de comportamento que uma criança com autismo possui. Para tanto, faz-se necessário mudanças no ambiente escolar, e o primeiro passo é buscar subsídios para melhor atender o aluno com TEA, como também oferecer condições adequadas de trabalho aos professores.

As crianças com autismo possuem bastante dificuldade em aprender, pois estas apresentam diversos déficits, inclusive na comunicação e na concentração que são aspectos considerados essenciais para o processo de alfabetização. Dessa forma, entende-se que o professor alfabetizador precisa conhecer as possíveis estratégias com as quais ele possa trabalhar, de modo a facilitar a compreensão dos conteúdos para o aluno com autismo e, assim, obter avanços em sua aprendizagem, mesmo que esse avanço não corresponda ao esperado comparado às demais crianças que não apresentam limitações, pois cada criança com autismo apresenta uma variação de características, ou seja, o professor precisa ter paciência, conhecimento e elaborar atividades diferenciadas e criativas para esses educandos.

### **2.2.1 Desafios identificados no processo de alfabetização da criança com autismo**

Sabemos que a criança com TEA, assim como as com outras deficiências, têm o direito de estudar na escola regular e, em relação às suas dificuldades, está previsto, no art. 2º da Lei de nº 12.764/12, que “em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do Espectro Autista, incluída nas classes comuns de ensino regular, terá direito a acompanhamento especializado” (BRASIL, 2012), o que podemos identificar como um desafio, pois, apesar de previsto um acompanhamento especializado, não são todas as escolas que oferecem.

Outra dificuldade que podemos elencar são sobre alguns professores que, segundo Brites & Brites (2019, p.142), “têm medo de encarar e interagir com autistas, e grande parte dessa hesitação é resultado da falta de conhecimento e de experiência acerca do como fazer”. De fato, entende-se que atuar como docente no ensino regular, numa perspectiva de educação inclusiva, é uma tarefa desafiadora. Ainda que pelos avanços permitidos a partir das discussões sobre a inclusão no campo educacional, contemplar a heterogeneidade de indivíduos inseridos nesses espaços se faz necessário. Para tanto, ir em busca de conhecimentos que favoreça a



compreensão dos fatores de desenvolvimento, é imprescindível, e a formação acadêmica pode ser um meio para isso.

É interessante ressaltar que, para a escola realizar uma educação que atenda às necessidades de uma criança com TEA, além de incluí-lo no meio escolar, ela deve também incluir a família nos espaços de atenção e atuação psicopedagógica. Logo, é de fundamental importância conhecer a realidade familiar na qual o aluno está inserido para, assim, traçar um plano educacional que atenda não somente as necessidades da criança no âmbito escolar, mas que também ele possa, com o auxílio da família, avançar naquilo que precisa. Portanto, a participação da família na educação da criança vai além de cuidados físicos e de custos financeiros, ou seja, para acontecer de fato o desenvolvimento da criança e o despertar do aprendizado, são necessários a parceria e o apoio efetivo dos pais, laços emocionais, cuidado, amor, compreensão e diálogo. Segundo Cunha (2019, p. 87),

É de fundamental importância o trabalho conjunto entre a família e profissionais e haverá sempre necessidade de que essa família esteja presente em todos os momentos. A presença dela ajudará e muito na progressão, pois muitas vezes a família é o gancho que o profissional precisa para começar e poder terminar.

Ainda que o futuro da criança não dependa unicamente da escola ou da família, tem de haver um equilíbrio de ambas as partes, fornecendo à criança o que lhe é necessário. Entende-se que os pais que participam, que são presentes na vida escolar de seus filhos, permitem aos mesmos uma aprendizagem mais satisfatória. Segundo Gaiato (2018, p. 43), “quanto mais cedo identificarmos os sintomas e começarmos a tratar, mais chances essa criança tem de ter um futuro com independência e autonomia”, ou seja, professores e outros profissionais que atuam nessa área de inclusão precisam de informações para identificar sinais e sintomas precoces, pois, quanto mais cedo o diagnóstico, melhor será para o desenvolvimento da criança.

Quando falamos de indivíduos com transtorno do espectro autista, precisamos considerar todas as características e limitações que os possam acometer, principalmente aquelas relacionadas ao desenvolvimento da linguagem, pois é um aspecto que deve ser considerado no processo de aquisição da língua escrita. Percebe-se também que as dificuldades na escrita apresentada pelo aluno com autismo constituem um dos obstáculos para o desenvolvimento de alfabetização, pois a grande maioria apresenta resistências em trabalhos essenciais para o desenvolvimento da coordenação motora fina, além de constantes recusas em pegar o lápis. No entanto, a persistência, a paciência e os métodos que permanecem por parte da professora parecem ser a base das conquistas até hoje alcançadas pela criança.

### **2.3 Estratégias para a alfabetização da criança com autismo**

Ao elaborar estratégias para alfabetizar a criança com TEA, é necessário primeiramente fazer-se uma avaliação psicopedagógica, pois assim será possível analisar os aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores, além da socialização da criança. E todos esses aspectos interferem na aprendizagem. É importante também observar se a criança consegue ficar sentada e se concentrar. Assim, observando como funciona o seu pensamento e o seu desenvolvimento linguístico, Gaiato afirma que

Dependendo do grau do autismo, a criança precisará de ajuda para realizar as atividades pedagógicas e sociais. Por isso, muitas vezes é necessário o profissional de apoio na escola para garantir que seja possível à criança ter recursos para realizar todas as propostas. O profissional de apoio deve proporcionar ajuda a criança de acordo com o que ela necessita. Se a criança tem um bom rendimento para seguir comandos, o profissional de apoio de apoio deve ficar a fastado e entrar em ação quando a criança perder a atenção da professora e redirecioná-lo novamente. Mas se a criança apresenta uma dificuldade intensa, o profissional de apoio poderá oferecer maior nível de suporte para que ela realize as atividades ou siga a rotina da sala. (GAIATO, 2018, p.121)

Diante disso, entende-se que o professor deve elaborar atividades específicas de acordo com o grau de autismo da criança, ou seja, quanto mais elevado for o grau da criança, mais ela precisará de ajuda e de atividades mais específicas que facilitem a compreensão. Gaiato também afirma que, para se obter resultados positivos no processo de aprendizagem da criança, existe algumas estratégias do que pode ser feito pelo professor para ajudar o aluno nesse processo de alfabetização: “usar materiais do interesse da criança para ensinar. Isso manterá sua atenção e tornará a atividade mais divertida. Adaptar os materiais de maneira a deixar claro qual é o objetivo central e simplificar as folhas, ou seja, deixar só o item principal.” (GAIATO, 2018, p.119).

Percebe-se que alfabetizar uma criança com autismo não é uma tarefa fácil, mas também não é impossível. Esse processo depende bastante do esforço e da dedicação do professor. Sempre que trabalhar uma tarefa com a criança, o docente deve retomar a tarefa novamente algum tempo depois, pois isso ajuda a criança a aprender o conteúdo administrado. No entanto, o professor deve respeitar os limites de cada uma, pois cada criança tem seu tempo de aprender e nem todas aprendem com a mesma metodologia. Deve-se usar também reforçadores como

carinhas felizes, carimbos e adesivos para incentivar cada atividade realizada etc. A esse respeito, Cunha observa que:

Ainda que o aluno não aprenda perfeitamente o que se busca ensinar, ele trabalhará sempre a interação, a comunicação, a cognição e os movimentos. Haverá conquistas e erros, muitas vezes mais erros do que conquistas, mas o trabalho jamais será em vão. O afeto é de primordial valor na dinâmica e na superação de dificuldades. (CUNHA, 2019, p.59)

Portanto, no processo de alfabetização de crianças com autismo, é necessário que os professores fiquem atentos às particularidades e especificidades de cada criança, buscando diferentes metodologias e recursos, pois essa etapa, além de ser um marco importante na trajetória da criança, também deve prepará-los para dar continuidade às etapas posteriores ao processo de alfabetização.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Tipo de pesquisa**

A presente pesquisa caracteriza-se inicialmente, quanto aos procedimentos, como uma pesquisa bibliográfica e utilizou-se de recursos constituído principalmente de livros, cartilhas, revistas e sites da internet acerca dos autores que estudam sobre Transtorno do Espectro Autista (TEA), Alfabetização e Letramento e Educação Inclusiva. Pode-se afirmar essa classificação, pois de acordo com Gil (2002),

O estudo bibliográfico é tido desde a concepção do projeto, organiza as ideias, e compreende etapas (formulação dos problemas, a escolha do tema a ser investigada, a elaboração do plano de trabalho, e obtenção de fontes que sejam capazes de fornecer os dados adequados à pesquisa desejada, leitura do material obtido, análise e interpretação lógica dos dados e redação final do texto).

Assim, foi fundamentada em autores como Gaiato (2018), Cunha (2019), Ferreira (2017) que trazem informações sobre letramento e alfabetização e estratégias de ensino na inclusão da criança com autismo no processo de alfabetização na escola regular. A pesquisa também apresentou uma abordagem qualitativa, que, segundo Creswell, J. W; Creswell, J. D (2021, p. 628), “É uma abordagem voltada à exploração e ao entendimento do significado que indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano”.

Com base nos objetivos, essa pesquisa é exploratória, ou seja, tem como finalidade proporcionar maior familiaridade com o problema, tornar-se explícito ou construir hipóteses. Pois segundo (CORRÊA, 2008, p. 101), “é uma pesquisa que busca um conhecimento inicial sobre determinado tema ou objeto de estudo.” A pesquisa também se caracteriza parcialmente como um estudo de caso, pois, segundo Yin (2015, p. 04), “Seja qual for o campo de interesse, a necessidade diferenciada da pesquisa de estudo de caso surge do desejo de entender fenômenos sociais complexos. [...]um estudo de caso permite que os investigadores foquem um “caso” e retenham uma perspectiva holística e do mundo real”.

Por fim, foi realizada uma pesquisa de campo que tem como características investigações acerca de coletas de dados, em campo. Essa, segundo, Gil (2008) aprofunda-se em uma realidade específica por meio de uma observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para colher as explicações e interpretações que ocorrem naquela realidade.

### **3.2 Local e participantes da pesquisa**

O lócus dessa pesquisa foi uma escola municipal nos segmentos da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II, localizada no bairro Santa Clara, no Município de Eusebio-CE. A escola, construída em 1992, conta 878 alunos, sendo 9 alunos laudados com autismo, do infantil V ao 5º ano.

A escolha do lócus se justifica através da existência de alunos autistas laudados e matriculados nas turmas do 1º ano, nas quais eles estão na fase de alfabetização. Descobrimos essas informações durante algumas visitas de natureza exploratória à escola, e, com isso, foi possível observar que a escola se enquadrava dentro da temática da nossa pesquisa.

Os sujeitos dessa pesquisa foram a professora do 1º ano A e a professora do 1º ano B, ambas com crianças com autismo nessa fase de escolarização; dessa forma, a escolha se deu por ambas serem regentes das turmas do 1º ano e por estarem trabalhando o processo de alfabetização.

### **3.3 Coleta e análise de dados**

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos uma entrevista semiestruturada, que, segundo Severino (2007, p. 22),

É uma técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Em outras palavras, trata-se de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Nessa interação o pesquisador visa aprender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam.

Dessa forma, conseguimos obter uma aproximação com a realidade vivida pelas duas professoras, baseada em nossa temática. As entrevistas foram compostas por 5 perguntas para professora, com a finalidade de compreendermos as estratégias adotadas por ambas para facilitar o processo de aprendizagem e alfabetização da criança com autismo em uma escola regular.

### **3.4 Aspectos éticos**

Após serem informados sobre o objetivo da pesquisa e demais dúvidas, as participantes da entrevista assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE) onde se deixa claro o sigilo em relação aos dados coletados para pesquisa, mas vale ressaltar que as respondentes da pesquisa puderam, a qualquer momento, optar em não responder as perguntas ou até mesmo interromper a entrevista caso se sentissem constrangidas. Não houve nenhum procedimento intrusivo à privacidade das entrevistadas, pois a entrevista ocorreu em local reservado, ou seja, consideramos inexistentes os riscos aos participantes. Quanto aos benefícios deste estudo, são esperados resultados positivos da atuação e da importância do professor dentro da instituição escolar e sua contribuição em sala de aula, no tocante ao processo de alfabetização de crianças autistas.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A primeira entrevista foi realizada em 04 de outubro de 2022, às 14h, com a professora do 1º ano A e a segunda entrevista ocorreu no dia 13 de outubro de 2022, às 10h, com a professora do 1º ano B. O primeiro sujeito da pesquisa foi a professora do 1º ano A da escola. Ela é formada em Pedagogia e pós-graduada em Educação Infantil pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA); atua na escola há 10 meses, sendo atualmente a professora regente da turma do 1º ano A no período da manhã. O segundo sujeito da pesquisa foi a professora do 1º ano B. Ela é formada em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA) e possui pós-graduação *lato sensu* em Educação Infantil e Ensino Fundamental pela Faculdade Kuryos. Ela também está cursando o 2º semestre em Psicologia e atua na escola escolhida desde 2020, sendo a professora regente da turma do 1º ano B no período da tarde.

Para uma melhor organização das respectivas falas e proporcionando o sigilo das identidades de ambas as entrevistadas, usaremos os termos “professora A” e “professora B” para melhor compreensão das respostas.

Na primeira pergunta, questionamos a professora se em sua turma existem crianças com o transtorno do espectro autista e o que ela considera indispensável ao realizar seu planejamento de aula, tanto para os alunos considerados “normais”, quanto para os alunos com o transtorno e se existem diferenças entre os planos. A “professora A” respondeu:

O plano de aula é feito seguindo as normas da BNCC. Como tenho uma criança com transtorno em sala de aula, faço sempre uma adaptação nas atividades dele, esta consiste em poder ser implementado sem excluir quem quer que seja, juntando o lúdico com o poder de ensinar.

Já a “professora B”, quando questionada respondeu: “Sim. O aspecto social é o que desenvolve a construção do conhecimento que a criança está inserida; não só adaptar com atividades lúdicas curtas para estimular o pensamento lógico e adaptar o meio.”

Analisando as respostas das entrevistadas, compreendemos que ambas as professoras possuem alunos com o transtorno no espectro autista e desenvolvem um planejamento inclusivo. A “professora A” relata fazer sempre adaptações em seu planejamento, de modo a não deixar nenhum aluno excluído, utilizando estratégias lúdicas para tal. A “professora B” compreende o seu planejamento a partir do meio em que a criança se encontra, pois é a partir daí que ela poderá se desenvolver para então adaptar, também se valendo das atividades lúdicas. Entende-se então que há uma necessidade de adaptação do planejamento, para que possam aplicar a uma criança com autismo, e que o professor deve buscar estratégias que possibilitem trabalhar o seu plano de aula. Um planejamento assertivo, combinado com estratégias lúdicas, podem ter um resultado satisfatório, pois, segundo Gaiato (2018, p.122), “outro dado muito importante é que o professor precisa conhecer qual a maneira de interação que provoca a melhor resposta da criança com autismo”. Portanto, torna-se indispensável a busca constante por conhecimentos para obter resultados positivos e assim poder trabalhar o conteúdo de maneira que facilite o processo de aprendizagem para o aluno com autismo.

Na segunda pergunta, questionamos a professora sobre quais os maiores desafios e/ou dificuldades na realização do seu trabalho em sala com crianças com transtorno do espectro autista e se a família e a escola ajudam nesse processo e se ela consegue estabelecer alguma interação com as famílias de seus educandos que possuem algum transtorno. A “professora A” por sua vez disse que:

Os desafios são muitos necessitando de bastante conhecimento e preparo para seu acompanhamento. A dificuldade de interação social é uma das principais características. A família nem sempre ajuda, a escola que vem orientando com o auxílio da psicopedagoga.

Diante da mesma pergunta, a “professora B” respondeu: “Comportamento. Sim, fundamental ter esse vínculo com a família para que possamos desenvolver um trabalho de acordo com seus limites.”

Com base nas respostas das entrevistadas, percebe-se que ambas as professoras apresentam dificuldades e desafios em sala de aula com os alunos com autismo, no entanto a “professora A” diz que a maior dificuldade em sala de aula com a criança com autismo é na interação social, e que nem sempre a família ajuda, mas que recebe apoio da escola. Já a “professora B” diz que a sua maior dificuldade em sala de aula é em relação ao comportamento, destacando que a parceria com a família é fundamental para que possa desenvolver um trabalho satisfatório. Entende-se, então, que a participação da família e escola nesse processo de inclusão facilita bastante o trabalho do professor no desenvolvimento de aprendizagem da criança com autismo. pois Cunha (2019, p. 87) ressalta que

É de fundamental importância o trabalho conjunto entre família e profissionais e também haverá sempre necessidade de que essa família esteja presente em todos os momentos, pois muitas vezes a família é o gancho que o profissional precisa para começar e poder terminar.

Portanto, é necessário que haja a parceria da família com escola para que assim o professor tenha êxito na aprendizagem do aluno autista e que este possa progredir de forma significativa.

Na terceira pergunta, questionamos o seguinte: como professora alfabetizadora, quais são os principais desafios encontrados nesse processo de alfabetização da criança com autismo na escola regular? Você considera que a sua formação lhe ofereceu bases sólidas e a capacitação necessária para lidar com a inclusão do autista em sala de aula? A “professora A”, então, respondeu:

Atualmente a educação inclusiva tem sido um grande desafio, um desses desafios é na comunicação e na interação social que impactam no processo de alfabetização. Na minha formação não aprofundei nessa especialização, mas venho pesquisando para atender as necessidades do meu aluno.

Já a “professora B”, ao ser questionada com a mesma pergunta, respondeu:

São a coordenação motora cognitiva e perceptuais de longo e curto prazo que está ligada à memória, sim. Pois a formação é necessária para termos um desenvolvimento de responsabilidade e de altura de agir com autonomia e responsabilidade, e coerência.

De acordo com as respostas das entrevistadas, compreendemos que incluir é um desafio e que ter uma formação adequada é importante. A “professora A” tem como principal desafio no processo de alfabetização, a comunicação e a interação social, que, segundo ela, são aspectos que interferem no processo de alfabetização, mas que vem procurando se capacitar para poder ajudar as crianças. A “professora B” tem como principal desafio aspectos ligados à área motora e ressalta a importância de uma formação, para que possa agir com mais embasamento e competência. Desse modo, entende-se que alfabetizar uma criança autista é uma tarefa desafiadora e que o professor precisa de capacitações necessárias para entender as dificuldades que a criança apresenta e encontrar a melhor forma de ensiná-las. Reforçando esse pensamento, Gaiato (2018, p.118) diz:

Entender as dificuldades que cada criança traz consigo e ensiná-lo a partir disso é o maior desafio de um educador, que pode fazer uma diferença incrível na vida de uma criança autista. No entanto, o educador precisa buscar o que aquela criança tem de ponto forte e usar isso a seu favor, para potencializar a aprendizagem e a socialização.

Portanto, há uma necessidade da busca por informação e conhecimento para entender melhor como se procede o processo de alfabetização de uma criança autista, pois só assim o professor terá capacidade de criar estratégias que facilite a aprendizagem do aluno.

Na quarta pergunta, questionamos a professora se, na execução de atividades para alfabetizar uma criança com autismo, o que é preciso para elaborar estratégias de planejamento de ação pedagógica adequada: Você utiliza métodos e estratégias de ensino diferenciadas das demais turmas? Quais são elas? Obteve algum avanço ou resultado positivo? A “professora A” respondeu: “Sim. Propondo pequenas tarefas usando o lúdico e estabelecendo uma relação de confiança. O projeto político pedagógico (PPP) para autista, reúne propostas de ação concretas que auxilia no processo de ensino aprendido”. Já a “professora B”, ao ser questionada, respondeu: “Conhecer o aluno, propor atividades curtas linguagem objetiva, estimular novos sentidos, estimular leitura visual de livros paradidáticos. Avanço na participação e interação com outras crianças”.

Percebemos que ambas desenvolvem métodos e estratégias diferenciadas das demais turmas para ensinar seu aluno com autismo fazendo as devidas adaptações em suas atividades.



A “professora A” propõe atividades lúdicas e se utiliza do projeto político pedagógico da escola, para planejar as suas ações. Já a “professora B” diz que é preciso conhecer o aluno para poder elaborar estratégias, como leitura visual de livros, e que com isso obteve um resultado positivo. Compreende-se, então, que o aluno autista aprende de maneira diferente e que necessitam de atividades específicas. Diante disso, para elaborar estratégias de ensino adequado para alfabetizá-lo, é preciso que o professor conheça e compreenda as variadas características e dificuldades que uma criança autista pode apresentar, pois segundo Brites & Brites (2019, p.148),

Pessoas com autismo necessitam de meios e modelos diferenciados e específicos que possam servir de base para uma boa condução de aprendizagem e de contato com os demais alunos. Pois dentro das mais variadas estratégias, é importante ressaltar que cada criança com autismo tem características únicas e, ao mesmo tempo uma variabilidade de comportamento e de reações. Assim, o processo de ensino-aprendizagem deve ocorrer dentro de um programa educacional que respeita as limitações.

Portanto, as pessoas responsáveis por ensinar a criança com autismo precisam obter informações e conhecimentos necessários, para assim desenvolver e elaborar estratégias de ensino que ajude a criança com autismo nas suas necessidades.

Na quinta pergunta, questionamos: você utiliza recursos didáticos nas atividades de alfabetização com a criança com autismo? A escola oferece suporte de alguma forma nesse processo de inclusão e alfabetização da criança autista?

A “professora A” respondeu: “temos livros didáticos, que algumas atividades faço adaptação para ele, utilizando jogos, massa de modelar etc. A escola está sempre dando suportes”. Diante da mesma pergunta, a “professora B” respondeu: “Sim. Livros de diversas temáticas, desde cidadania, saúde, ética e entre outros. Dar suporte nas orientações com material de apoio com a família e tem acompanhamento pelo psicólogo e as psicopedagogas”. Pelas respostas, compreendemos que ambas fazem a utilização dos recursos didáticos e recebem apoio da escola e de outros profissionais. A “professora A” procura fazer adaptações em suas para os alunos autistas, e a “professora B” utiliza-se do uso de livros temáticos, que considera essencial para o conhecimento da criança, recebe apoio da família e escola em várias esferas. Dessa forma entende-se que a utilização dos recursos didáticos é essencial para o ensino da criança autista e que precisa ser adaptada de forma bem objetiva e específica para que a criança consiga aprender, assim também como o apoio da família e escola. Cunha afirma que

Os recursos a ser utilizados, precisa ser simples, sem muitos objetos para que não haja estímulos em demasia. Pois o aprendente precisa visualizar somente os materiais ou os brinquedos que irá trabalhar, para que haja maior concentração possível. Entretanto, o professor deve observar quais objetos ou atividades que o atraem mais, para usá-los nas tarefas. (CUNHA, 2019, p.33)

Portanto, torna-se indispensável a utilização dos materiais didáticos como recurso pedagógico, trabalhados de forma inteligente e coerente, fazendo-se as devidas adaptações, de modo a facilitar o aprender do aluno com autismo e contribuir para o seu processo de alfabetização.

## **5 CONCLUSÃO**

Através desta pesquisa, foi possível identificarmos a concepção de educação inclusiva através das falas das entrevistadas, que destacaram o ensino da criança com autismo como sendo uma tarefa desafiadora e que o educador responsável por essa tarefa precisa sempre estar em busca de formação ou cursos que lhe forneçam informações e conhecimentos, para assim elaborar estratégias de ensino fazendo as devidas adaptações que facilitem a compreensão do aluno autista. No entanto, o suporte e apoio da escola e família nesse processo é indispensável, pois, sem dúvida, essa parceria facilitará o trabalho do professor para alcançar uma educação de qualidade que atenda às necessidades dessas crianças.

Sabemos que sempre existiram dificuldades para alfabetizar uma criança, seja ela com ou sem necessidades educacionais especiais, pois nem todas aprendem da mesma forma e com a mesma metodologia, porém, quando nos referimos ao processo de alfabetizar uma criança autista na escola regular, percebemos que essa ação requer mais dedicação e empenho tanto do professor, quanto da comunidade escolar, incluindo a família e outros profissionais, a fim de buscar alternativas e soluções que melhore o desenvolvimento da criança autista.

Em síntese, podemos dizer que alcançamos os objetivos propostos nesta pesquisa, pois compreendemos a importância e a necessidade de haver o conhecimento, a dedicação e o esforço do professor no processo de inclusão. A relação do professor, da escola e da família foi outro aspecto que conseguimos apontar como fundamental para a identificação das estratégias de ensino capazes de promover a inclusão dos alunos autistas em uma classe comum na escola regular.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola**. Porto Alegre: Mediações, 2013.

BRASIL. **Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/ato2011-2014/2012/lei/12764.htm>. Acesso em: 03 outubro 2022.

BRITES, Luciana; BRITES, D.r Clay. **Mentes Únicas: Aprenda como descobrir, entender e estimular uma pessoa com autismo e desenvolva suas habilidades impulsionando seu potencial**. São Paulo: Gente, 2019.

CORRÊA, Luiz Nilton. **Metodologia Científica: Para trabalhos acadêmicos e artigos científicos**. Florianópolis: Do Autor, 2008.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão: Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

CRESWELL, John W; CRESWELL, J. David. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Penso, 2021.

DUARTE, Iria Helena; KUMMER, Mauro José. **Alfabetização e letramento**. Recife: Telesapiens, 2020.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2017.

GAIATO, Mayra. **S.O.S. autismo: Guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista**. São Paulo: Versos, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

VALE, E.A.S; MONTEIRO, J.H.S; LIRA, M.V. **Guia de informações sobre Transtorno do Espectro Autista [TEA]**. Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Fortaleza: INESP, 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZIRALDO. **Autismo: uma realidade**. 2013. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/caocivil/cartilha-ziraldo-ziraldoautismo-uma-realidade.pdf>. Acesso em: 03 outubro 2022.

## **APÊNDICE**

### **Entrevista para as professoras**

1. Na sua turma existem crianças com o transtorno do espectro Autista e o que ela considera indispensável ao realizar seu planejamento de aula, tanto para os alunos considerados “normais”, quanto para os alunos com o transtorno e se existem diferenças entre os planos. Em que consiste?
2. Quais os maiores desafios e/ou dificuldades na realização do seu trabalho em sala com crianças com transtorno do espectro autista? A família e a escola ajudam nesse processo? Na relação família/escola, você consegue estabelecer alguma interação com as famílias de seus educandos que possuem algum transtorno?
3. Como professora alfabetizadora, quais são os principais desafios encontrados nesse processo de alfabetização da criança com autismo na escola regular? Você considera que a sua formação lhe ofereceu bases sólidas e a capacitação necessária para lidar com a inclusão do autista em sala de aula?
4. Na execução de atividades para alfabetizar uma criança com autismo, o que é preciso para elaborar estratégias de planejamento de ação pedagógica adequada? Você utiliza métodos e estratégias de ensino diferenciadas das demais turmas? Quais são elas? Obteve algum avanço ou resultado positivo?
5. Você utiliza recursos didáticos nas atividades de alfabetização com a criança com autismo? Quais recursos? Quais são as suas estratégias de ensino? A escola oferece suporte de alguma forma nesse processo de inclusão da criança com autismo?

## **ANEXOS**

### **Perguntas e respostas da “professora A”**

1. Na sua turma existem crianças com o transtorno do espectro Autista e o que ela considera indispensável ao realizar seu planejamento de aula, tanto para os alunos considerados “normais”, quanto para os alunos com o transtorno e se existem diferenças entre os planos. Em que consiste?

*O plano de aula é feito seguindo as normas da BNCC. Como tenho uma criança com transtorno em sala de aula, faço sempre uma adaptação nas atividades dele, esta consiste em poder ser implementado sem excluir quem quer que seja, juntando o lúdico com o poder de ensinar.*

2. Quais os maiores desafios e/ou dificuldades na realização do seu trabalho em sala com crianças com transtorno do espectro autista? A família e a escola ajudam nesse processo? Na relação família/escola, você consegue estabelecer alguma interação com as famílias de seus educandos que possuem algum transtorno?

*Os desafios são muitos necessitando de bastante conhecimento e preparo para seu acompanhamento. A dificuldade de interação social é uma das principais características. A família nem sempre ajudam, a escola que vem orientando com o auxílio da psicopedagoga.*

3. Como professora alfabetizadora, quais são os principais desafios encontrados nesse processo de alfabetização da criança com autismo na escola regular? Você considera que a sua formação lhe ofereceu bases sólidas e a capacitação necessária para lidar com a inclusão do autista em sala de aula?

*Atualmente a educação inclusiva tem sido um grande desafio, um desses desafios é na comunicação e na interação social que impactam no processo de alfabetização. Na minha formação não aprofundei nessa especialização, mas venho pesquisando para atender as necessidades do meu aluno.*

4. Na execução de atividades para alfabetizar uma criança com autismo, o que é preciso para elaborar estratégias de planejamento de ação pedagógica adequada? Você utiliza métodos e estratégias de ensino diferenciadas das demais turmas? Quais são elas? Obteve algum avanço ou resultado positivo?

*Sim. Propondo pequenas tarefas usando o lúdico e estabelecendo uma relação de confiança. O projeto político pedagógico (PPP) para autista reúne propostas de ação concretas que auxilia no processo de ensino aprendido.*

5. Você utiliza recursos didáticos nas atividades de alfabetização com a criança com autismo? Quais recursos? Quais são as suas estratégias de ensino? A escola oferece suporte de alguma forma nesse processo de inclusão da criança com autismo?

*Temos livros didático que algumas atividades faço adaptação para ele, utilizando jogos, massa de modelar etc. a escola está sempre dando suportes.*

## **Perguntas e respostas da professora B”**

1. Na sua turma existem crianças com o transtorno do espectro Autista e o que ela considera indispensável ao realizar seu planejamento de aula, tanto para os alunos considerados “normais”, quanto para os alunos com o transtorno e se existem diferenças entre os planos.

*Sim. O aspecto social é o que desenvolve a construção do conhecimento que a criança está inserida; não só adaptar com atividades lúdicas curtas para estimular o pensamento lógico e adaptar o meio.*

2. Quais os maiores desafios e/ou dificuldades na realização do seu trabalho em sala com crianças com transtorno do espectro autista? A família e a escola ajudam nesse processo? Na relação família/escola, você consegue estabelecer alguma interação com as famílias de seus educandos que possuem algum transtorno?

*Comportamento. Sim, fundamental ter esse vínculo com a família para que possamos desenvolver um trabalho de acordo com seus limites.*

3. Como professora alfabetizadora, quais são os principais desafios encontrados nesse processo de alfabetização da criança com autismo na escola regular? Você considera que a sua formação lhe ofereceu bases sólidas e a capacitação necessária para lidar com a inclusão do autista em sala de aula?

*São a coordenação motora cognitiva e perceptuais de longo e curto prazo que está ligada à memória, sim. Pois a formação é necessária para termos um desenvolvimento de responsabilidade e de altura de agir com autonomia e responsabilidade, e coerência.*

4. Na execução de atividades para alfabetizar uma criança com autismo, o que é preciso para elaborar estratégias de planejamento de ação pedagógica adequada? Você utiliza métodos e estratégias de ensino diferenciadas das demais turmas? Quais são elas? Obteve algum avanço ou resultado positivo?

*Conhecer o aluno, propor atividades curtas linguagem objetiva, estimular novos sentidos, estimular leitura visual de livros paradidáticos. Avanço na participação e interação com outras crianças.*

5. Você utiliza recursos didáticos nas atividades de alfabetização com a criança com autismo? Quais recursos? Quais são as suas estratégias de ensino? A escola oferece suporte de alguma forma nesse processo de inclusão da criança autista?

*Sim. Livros de diversas temáticas, desde cidadania, saúde, ética e entre outros. Dar suporte nas orientações com material de apoio com a família e tem acompanhamento pelo psicólogo e as psicopedagogas.*